



Demografia

OS NEGROS RUMO AO TOPO

Uma nova pesquisa revela que a população negra está ascendendo em velocidade jamais vista no Brasil — e a educação superior tem sido um motor decisivo

ROBERTA DE ABREU LIMA

Os negros chegaram ao topo da pirâmide social brasileira nos últimos dez anos em velocidade superior à de qualquer outro grupo de pessoas identificadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de acordo com a cor da pele. Enquanto o grupo de pessoas negras que atingiram o patamar de renda familiar mensal superior a 7000 reais cresceu 57%, o de indivíduos que se declaram brancos com os mesmos ganhos aumentou 17%. Esses dados constam de uma nova pesquisa da Fundação Getúlio Vargas. Eles coroam um movimento de emergência social dos brasileiros negros que começou há cerca de dez anos.

Típico representante do grupo: o engenheiro Sérgio Resende, 39 anos, não partiu exatamente do zero. Seus pais já haviam ascendido à classe média na cidade de Amargosa, no interior da Bahia, mas ele pertence à primeira geração do clã a conseguir ingressar numa universidade. Virou alvo de ad-

PERGUNTARAM SE ELE ERA JOGADOR DE FUTEBOL

Nascido em Amargosa, no interior da Bahia, **Sérgio Resende**, 39 anos, virou alvo de admiração em sua cidade natal depois que se graduou em engenharia e abriu uma produtora musical em São Paulo, onde vive. Ele até se diverte com o espanto de algumas pessoas diante do fato de ser negro e rico. "Fui comprar um carro importado e o vendedor perguntou se eu era jogador de futebol."

miração. Hoje à frente de uma produtora musical em São Paulo, com faturamento superior a 3 milhões de reais por ano, Resende diz: "Reconheço que minha corrida teve um ponto de partida bastante favorável".

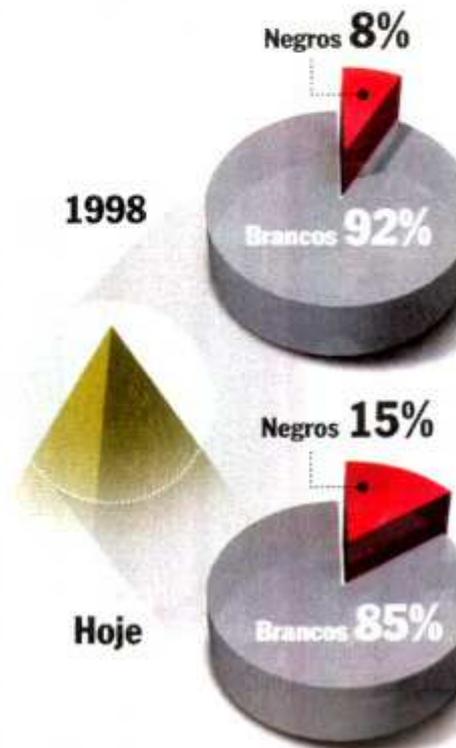
A trajetória dos negros que hoje alcançam o topo é inédita não apenas pela quantidade de pessoas, mas também pelos caminhos seguidos para chegar lá. Tornou-se um estereótipo vazio e um dado insignificante em termos estatísticos a figura do negro que enriquece jogando futebol ou cantando e compondo. Os integrantes da nova classe alta chegaram ao ponto mais alto da pirâmide sem ter vindo ao mundo dotados de talentos incomuns. Eles simplesmente começaram sua trajetória ascendente de um patamar mais elevado, uma conquista de seus pais. São filhos e filhas de famílias que ascenderam socialmente há mais tempo. Essa é a característica comum aos personagens que ilustram as páginas desta reportagem. Não é a única. Ter tido acesso ao ensino superior foi também um fator poderoso de progresso pessoal.

No que diz respeito à universidade, tanto negros quanto brancos se beneficiaram de um fenômeno recente: a acirrada competição entre grupos de ensino superior que derrubou, em média, para a metade o custo das mensalidades. Mas, nessa subida da maré, nota-se uma diferença estatística marcante entre os dois grupos. Enquanto o número de brancos universitários dobrou, o de negros mais que triplicou nos últimos dez anos. Resume o economista Marcelo Neri, autor do estudo da FGV:

Um avanço notável

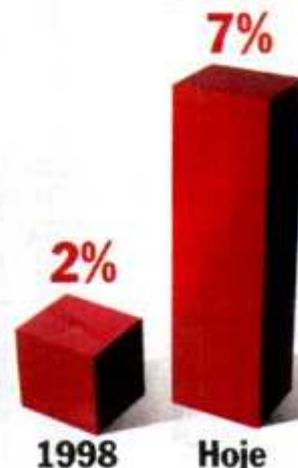
Na última década, aumentou a presença dos negros brasileiros no grupo dos mais ricos...

■ Participação no topo da pirâmide*



...e a educação superior foi determinante para isso

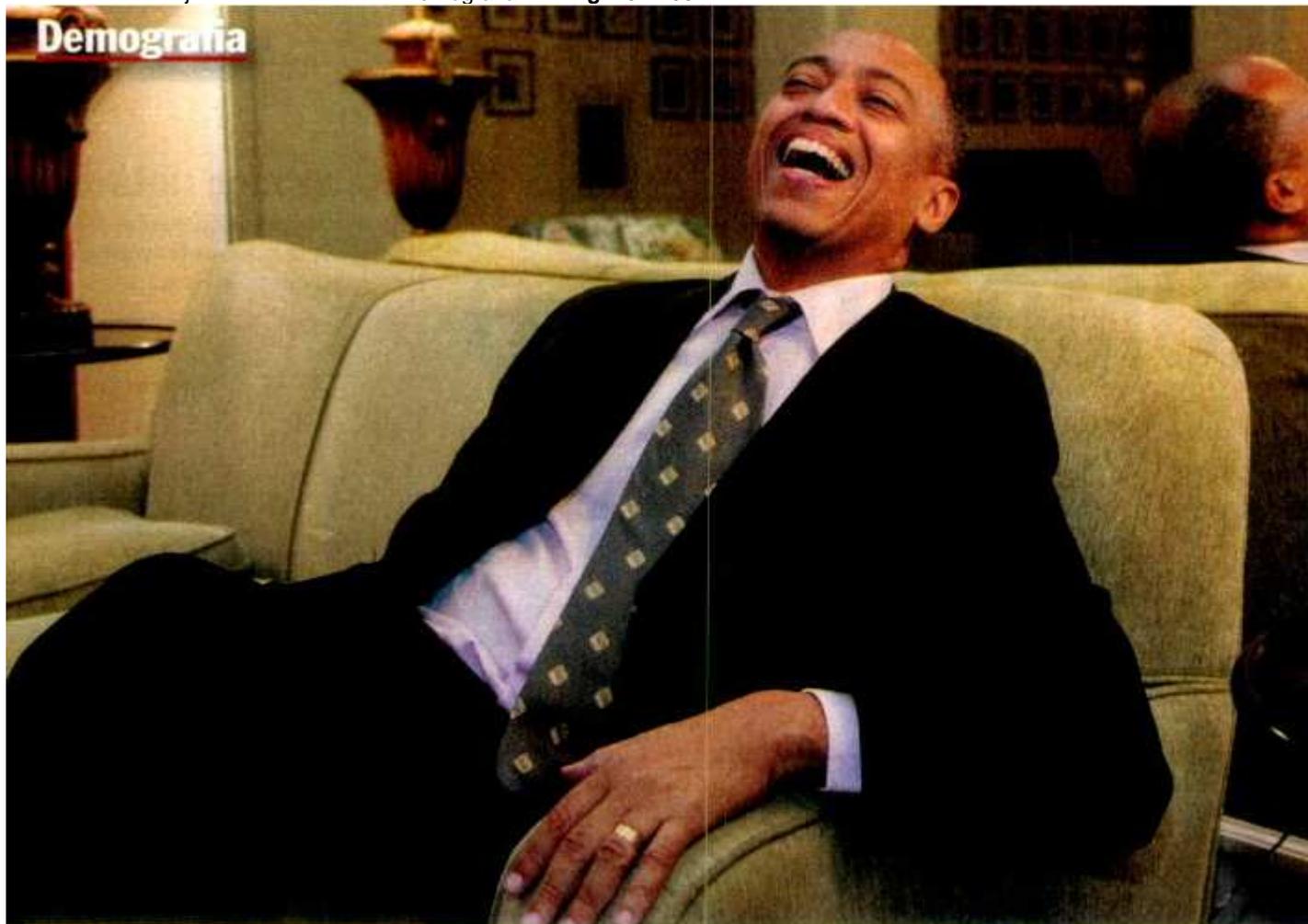
■ Porcentual dos negros na universidade (entre 18 e 24 anos)



*Para fins estatísticos, os especialistas reúnem em um mesmo grupo negros e pardos e, em outro, brancos e amarelos.

Fontes: Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade e Centro de Políticas Sociais/FGV

Demografia

**COTAS, NEM PENSAR**

Filho de pais de origem pobre que conseguiram o feito de diplomar-se em medicina, o carioca **André Oliveira**, 52 anos, recebeu em casa não só o exemplo do extremo esforço, mas também todos os incentivos para avançar. Mestre em finanças e com uma bem-sucedida carreira em multinacionais, ele diz: "A política de cotas é um estímulo ao comodismo — e não ao mérito".

do como um potente motor para a mobilidade social dos negros brasileiros em direção às camadas mais altas".

Qual o papel das cotas e de outras políticas públicas especificamente destinadas às pessoas que se declaram negras no Brasil? Os estudos mostram que, por melhor que seja a intenção dos legisladores, os benefícios reais da intervenção estatal protetora foram inexpressivos. Os negros ascenderam pelo mérito e esforço individuais. No ensino superior, apenas oitenta de mais de 2.000 instituições adotam sistemas que beneficiam os negros, todas elas experiências que datam de 2002 para

cá: "São ações isoladas e recentes demais para surtir qualquer efeito estatístico", afirma o economista André Urani, um conhecido especialista no assunto. É interessante como essas ações estatais são superestimadas por seus promotores e pelos grupos de pressão que forçam sua aprovação. Os Estados Unidos são o melhor laboratório para mensurar o efeito positivo de cotas e outras medidas de suporte às minorias deixadas para trás pela marcha do progresso. Uma das mais extensas pesquisas realizadas nos Estados Unidos para avaliar o efeito das medidas de ação afirmativa foi conduzida pelo economista negro Thomas Sowell em 2004. O estudioso comparou os resultados com experiências semelhantes levadas a cabo em quatro outros países: Índia, Malásia, Sri Lanka e Nigéria. Suas conclusões formam o mais racional e desapassionado conjunto de razões para não adotar sistemas de cotas e outras leis discriminatórias. São elas:

- A ideia de temporariamente favorecer um grupo de pessoas em razão de sua raça é o primeiro passo para a eternização do racismo.

- Grupos não beneficiados pelas cotas são encorajados a cometer fraudes para obter as mesmas vantagens.

- A triagem por raça tende a favorecer os negros ricos, em prejuízo dos brancos mais pobres.

- O esforço em busca do maior desempenho individual é desencorajado tanto para negros (por desnecessário) quanto para brancos (por inútil), em prejuízo de toda a sociedade.

Os negros brasileiros que venceram obstáculos com sua própria força figuram também entre os críticos mais lúcidos das medidas de ação afirmativa. Formado em engenharia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em finanças e com uma bem-sucedida carreira em multinacionais, o carioca André Oliveira, 52 anos, é um exemplo. Diz ele: "As cotas são um incentivo ao comodismo, e eu acredito na meritocracia. Varei muita madrugada para chegar onde estou".

Além de revelar o ingresso dos negros nos estratos mais altos, o estudo da FGV registrou sua movimentação para cima por todos os estratos da pirâmide. É uma notícia animadora. Final-



mente, os brasileiros de raça negra começam a acertar os ponteiros históricos com os brancos. A desvantagem comparativa acumulada ainda é grande. A taxa de analfabetismo entre os negros é de 13%, o dobro da dos brancos. No mercado de trabalho, essa desproporção se repete. Um levantamento feito pelo Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), de São Paulo, mostrou que apenas 5% dos cargos de decisão nas grandes empresas são ocupados por executivos negros. Esse número em si não revela discriminação, pois a pesquisa não cita qual a porcentagem de executivos negros que começaram a carreira em condição de igualdade com os colegas brancos. Para entender a realidade, é preciso buscar referências comparativas. Foi o que fez o sociólogo José Pastore, da Universidade de São Paulo (USP). Ele constatou que, quando negros e brancos competem no mercado em total igualdade de condições, há uma clara tendência estatística em favor dos brancos: "De forma objetiva, os dados mostram que a cor da pele ainda é alvo de algum preconceito", diz Pastore.

O preconceito remonta a 1888, ano da abolição da escravidão no Brasil, medida tardia que denuncia o atraso das elites políticas, e não apenas por só ter sido tomada até séculos depois de outras nações terem tornado sua prática um crime. A Suécia o fez em 1335. Os Estados Unidos, em 1865. E já em 1683 a Espanha tinha proibido a escravidão em colônias na América. O Brasil fez tarde e malfeito, pois livrou os escravos dos grilhões, mas não moveu uma palha para prepará-los para sua nova condição. Isso levou a maioria à miséria absoluta, seguida da dissolução moral, e, óbvio, atraiu sobre eles a carga de preconceito que só agora começa a ceder. Conclui o sociólogo Simon Schwartzman: "Os atuais dados da mobilidade dos negros são, afinal, um indicador de civilidade da sociedade brasileira".

De acordo com o IBGE, há 14 milhões de negros no Brasil. A metade deles já pertence à classe média. Incorporada ao mercado consumidor com o vigor típico dos recém-chegados, a nova classe emergente negra investe e empreende. Os que agora chegam ao topo compõem uma força de trabalho qualificada

O MOTOR DA EDUCAÇÃO

A primeira negra no país a ocupar o posto de desembargadora federal, **Neuza Maria Alves**, 59 anos, foi criada pela mãe, que trabalhava como empregada doméstica. Seu exemplo de ascensão é raro. À custa de muito estudo, ela chegou à universidade — tempo em que não tinha dinheiro sequer para o ônibus — e passou no concurso para juíza. Mãe de três filhos, Neuza comemora: "Eles terão um caminho mais fácil".

e produtiva. "Tudo isso amplia o potencial de crescimento e de geração de bem-estar de todo o país", diz o economista Mafson da Nóbrega. A primeira negra a se tornar desembargadora federal no Brasil, em 2004, a baiana Neuza Maria Alves, 59 anos, foi criada pela mãe, que trabalhava como empregada doméstica. Neuza conseguiu, à custa de muito estudo e sacrifício, diplomar-se em direito e passar no concurso para juíza. Mãe de três jovens, ela diz: "Sei que meus filhos estão em condições infinitamente melhores que as que eu tive para sonhar alto". Bom para eles — e também para o país. ■